

Tempo, Narrativa e História na *Vita Alfredi Regis Angul Saxonum* do galês Asser (Séc. X)

Dominique Vieira Coelho dos Santos¹

Anderson de Souza²

Resumo: Uma ausência significativa se faz notar na maior parte das obras sobre historiografia medieval, a *Vita Alfredi Regis Angul Saxonum*, de autoria do monge galês Asser, que narra a vida e os feitos do rei Alfred o Grande, considerado o primeiro rei inglês. Até mesmo na Inglaterra, de onde se poderia esperar o contrário, a obra de Asser não aparece com a frequência esperada. O objetivo deste artigo é analisar a questão, mostrando que a obra de Asser é muito mais que uma forma medieval de biografia ou um simples panegírico.

Palavras-chave: Historiografia Medieval, Asser, *Vita Alfredi Regis Angul Saxonum*.

Abstract: In most works on medieval historiography, there is a notable silence about the *Vita Alfredi Regis Angul Saxonum*, written by a Welsh monk called Asser, which has registered the life and deeds of King Alfred the Great, considered the first English king. Even in England, where one might expect the opposite, the work of Asser is not often quoted for this historiographical purpose as one could expect. The main aim of this article is to analyze the issue, pointing out the work of Asser is much more than a medieval form of biography or a simple panegyric.

Keywords: Medieval Historiography, Asser, *Vita Alfredi Regis Angul Saxonum*.

Recebido em 16/08/2014 Aceito em 07/10/2014

¹ Fundação Universidade Regional de Blumenau

² Graduado em História pela Fundação Universidade Regional de Blumenau.

Em várias tentativas de sistematização das obras daqueles autores que produziram algum tipo de narrativa histórica em tempos pré-modernos, ou seja, antes da *Historik* de Johan Gustav Droysen e da comunidade dos historiadores profissionais nas universidades alemãs, uma ausência significativa se faz notar, os escritos do monge galês Asser, sobretudo sua *Vita Alfredi Regis Angul Saxonum*, que narra a vida e os feitos do rei Alfred o Grande, considerado o primeiro rei inglês. Tradicionalmente, a obra de Asser não costuma figurar nos debates sobre a escrita da história na Europa Pós-Roma. Até mesmo na Inglaterra, de onde se poderia esperar o contrário, ela não aparece com a frequência que poderia. Em algumas oportunidades, encontra-se limitada ao caráter laudatório³; em outras, até é lembrada como um exemplo de historiografia, mas sem um estudo mais rigoroso⁴; e ainda, costuma ser preterida por outros exemplos, como Beda (672-3/735), *Historia Ecclesiastica Gentis Anglorum*; *The Anglo-Saxon Chronicle*, que data provavelmente do século IX; e os textos de três grandes historiadores anglo-normandos: a *Chronicon ex chronicis*, de John de Worcester (c. 1140); a *Historia Anglorum*, de Henry de Huntingdon (1088-c. 1154); e a *Gesta Rerum Anglorum*, de autoria de William de Malmesbury (1095-6/c. 1143), escolha que aparece até em grandes coletâneas da área⁵.

A obra de Asser, no entanto, deveria ser melhor apreciada. Uma observação rigorosa da mesma, acompanhada de uma análise mais cuidadosa e detalhada, poderá mostrar, por exemplo, que a *Vita Alfredi Regis Angul Saxonum* oferece excelentes condições para compreensão de como as pessoas da Inglaterra do período histórico em que o documento foi escrito representavam seu passado, quais eram não somente as características, mas também as condições e exigências para a elaboração de narrativas desta natureza, quais aspectos literários e/ou ficcionais interessavam ou eram descartados, que tipo de marcação do tempo era preferida e, ainda, que usos eram feitos das narrativas clássicas, judaicas e cristãs. Poderíamos pensar, por exemplo, a recepção e resignificação destas tradições na obra de Asser, uma vez que diversas referências desta natureza são perceptíveis em suas composições, que apresentam paralelos evidentes com os escritos de autores como Eusébio de Cesaréia, Gregório de Tours, Isidoro de Sevilha, Einhard e o próprio Beda. Ou seja, a obra de Asser é

³ ABELS, Richard. Alfred and his Biographers; Images and Imagination In HAMILTON, Sarah; BATES, David; CRICK, Julia (eds.). *Writing Medieval Biography, 750-1250: Essays in Honour of Frank Barlow*. Boydell & Brewer, 2006. p. 63.

⁴ STAFFORD. Pauline. *A companion to early middle ages; Britain and Ireland c. 500-1100*. Blackwell Publishing, 2006.

⁵ DELIYANNIS, Deborah Maukopf. *Historiography in the middle ages*. Leiden: Brill, 2003.

muito mais do que uma forma medieval de biografia ou um simples panegírico, ela pode ser bastante útil para nos auxiliar a compreender alguns aspectos das manifestações de consciência histórica do período do monge galês e ainda nos fornecer ferramentas para uma história comparada das formas de narrar o passado, tendo em vista tanto escritores insulares quanto continentais, o que sem dúvida colaboraria para uma ampliação de nossa compreensão sobre a historiografia no período.

1 - FORMAS NARRATIVAS DO PASSADO NA EUROPA PÓS-ROMA

A Europa pós-roma conheceu diversas formas narrativas dos eventos passados, boa parte delas sendo baseadas, direta ou indiretamente, em concepções delineadas por autores como Tucídides, Heródoto, Políbio, Fábio Pictor, Flávio Josefo, Tácito, Salústio, Cícero, Agostinho e Eusébio, ou seja, uma tradição que congrega elementos narrativos oriundos da historiografia clássica, mas também da tradição judaica e cristã⁶. Alguns esforços empreendidos por historiadores de diversas nacionalidades tem tentado elaborar alguma reflexão mais sistemática sobre estas questões; são os casos das obras: “As raízes clássicas da historiografia moderna”, de Arnaldo Momigliano; *Geschichtsschreibung im Mittelalter: Gattungen, Epochen, Eigenart*, publicada por Herbert Grundmann; o importante artigo de Roger Ray, intitulado *Medieval historiography through the twelfth century: problems and progress of research*, *Histoire et culture historique dans l’Occident médiévale*, de Bernard Guenée; e *Funktion und Formen mittelalterlicher Geschichtsschreibung: eine Einführung*, escrita por Franz Josef Schmale. Estas últimas, todas mencionadas e comentadas por Deborah Mauskopf Deliyannis em sua *Historiography in the Middle Ages*, que das obras recentes é, sem dúvida, a mais completa sobre o tema⁷.

Deliyannis analisa a vida e a obra, bem como algumas das principais características dos textos, destes bispos, monges, clérigos, catedráticos e oficiais do governo, ou seja, os produtores da historiografia do período. A autora lembra que a história não era vista como uma categoria independente, ela fazia parte ora da gramática ora da retórica. Assim, é melhor compreendê-la pelo significado que a própria palavra *historia* tinha na época, o de relato. Isto significa que não é possível falar de um historiador profissional, dedicado

⁶ SANTOS, Dominique. Apresentação ao Dossiê “A Escrita da História na Antiguidade” da Revista de Teoria da História da UFG, 2015.

⁷ DELIYANNIS, Deborah Mauskopf. Op. Cit.

exclusivamente a esta função. O resultado da obra destes autores não eram, então, necessariamente obras de história, pelo menos não da maneira como entendemos atualmente, mas sim: anais, diários, calendários, crônicas, feitos, biografias, hagiografias e catálogos de vida de santos, relatos presenciais, poesia oral e escrita, crônicas urbanas, comentários de obras de arte ou de partes da bíblia, elaboração de textos que serviam de auxílio para homilias, textos científicos ou computacionais, documentos legais, narrativas paroquiais, escrita de histórias de mosteiros, de instituições, obras lendárias ou literárias, étnicas, de ordens religiosas, ou relacionadas com dinastias. Estas narrativas, bem como seus autores, tinham, então, como eixo de concentração: a preocupação com a verdade; a memorização de eventos ou de nomes de pessoas do passado, bem como de suas funções na sociedade; a recitação dos nomes de mortos nas missas funerárias; criação de cerimônias e rituais públicos; produção de imagens e monumentos; recitação de narrativas genealógicas; e evidentemente a escrita de textos e livros⁸. Considerando esta teia de relações, é importante saber de qual contexto Asser escrevia e com quais propósitos. Quais eram seus modelos literários e quem era seu público.

2- ASSER E SUA VITA ALFREDI REGIS ANGUL SAXONUM

Asser foi monge da catedral de *St. Davis* no País de Gales, localidade antes conhecida como *Mynyw*, em galês, ou *Meneva/Menevia* para os romanos. Por esse motivo, *Asserius/Asser* é também comumente designado como *Asserius Menevensis*. Por volta do ano 900, Asser foi nomeado Bispo de *Sherborne*, no reino de *Wessex*, pelo rei Alfred, o Grande. Entretanto, o que acabou por torná-lo conhecido foi a escrita de uma narrativa de cunho biográfico sobre este mesmo rei, que governou *Wessex* de 972 até 899, ano de sua morte.

Muitas das informações existentes sobre o monge galês são provenientes da sua própria narrativa. O nome Asser, como apontam Simon Keynes e Michael Lapidge, muito provavelmente faz referência a Asher, o oitavo filho de Jacó, descrito na Bíblia. O significado desse termo em hebraico é “abençoado”, por esse motivo, as especulações apontam que o nome verdadeiro de Asser era *Gwyn*, que tem o mesmo significado da versão hebraica.

⁸ Ibidem p. 1-16.

Provavelmente, Asser tenha recebido o nome no momento de sua ordenação como monge em St. Davis⁹.

Após receber convites do rei Alfred para integrar sua corte em Wessex, Asser torna-se um dos responsáveis pela instrução do rei na leitura do latim e outros assuntos teológicos e filosóficos. Asser não foi o único a ser chamado para compor esta *entourage* do rei Alfred, outros homens também foram convidados pelo rei para se juntar à sua corte, todos com o mesmo propósito. Assim, juntamente com Asser, vieram Grimbald e Iohannem, ambos homens religiosos e versados na escrita do latim. Uma das tarefas de Asser, além de prestar serviços religiosos ao reino de Wessex foi o de ensinar Alfred a ler e a traduzir o idioma Latino. Dessa parceria nasceram algumas das traduções que podem ter sido desenvolvidas pelo rei, como “Os Solilóquios”, de Agostinho; a “Regra Pastoral”, de Gregório Magno; e a “Consolação da Filosofia”, de Boécio, e ainda traduções de alguns salmos bíblicos. Ou seja, Alfred e Asser tinham também uma ligação de autoria.

Alfred o Grande, nasceu em 849 e governou o reino de Wessex de 871 à 899, ano de sua morte, conforme a *Anglo-Saxon Chronicle*. O epíteto de “o Grande”, atrelado ao seu nome somente em um período posterior, fora recebido devido às suas façanhas bélicas frente aos ataques dos povos escandinavos que invadiram a Ilha da Britânia durante todo o período de seu reinado. Segundo os relatos de Asser, ainda pequeno, o futuro rei Alfred acompanhou seu pai em uma viagem à cidade de Roma, onde foi apresentado ao papa Leão e adotado por este com seu filho espiritual. Existem várias conjecturas acerca dessa passagem da narrativa de Asser. Uma delas é a de que, pelo fato de ser o quinto filho homem, Alfred não estaria destinado a governar, mas sim a uma vida religiosa, e por tal motivo precisaria da benção do patriarca da Igreja. Na viagem de volta, Alfred e seu pai Æthelwulf passam um tempo na corte de Carlos, o Calvo, neto do conhecido Carlos Magno. Tendo inclusive Æthelwulf, já viúvo, recebido a filha do rei dos francos, Judite, como sua nova esposa.

Seguindo o curso da narrativa de Asser sobre a vida do rei, ele narra que, ao voltarem à Ilha da Britânia, o irmão mais velho de Alfred, Æthelbald, toma posse de sua herança e proclama-se rei, mesmo com seu pai ainda em vida. O reino fica dividido entre os dois reis. Após a morte de Æthelwulf, Æthelberht, o terceiro filho, toma posse dos territórios que competiam ao seu pai, e, quando da morte de Æthelbald, o reino volta a ficar unificado

⁹ KEYNES, Simon; LAPIDGE, Michael. *Asser's Life of King Alfred and Other Contemporary Sources*. London. Penguin Classics. 2004.

sob um único monarca. Posteriormente, com a morte de Æthelberht, o quarto irmão, Æthelred, toma posse do trono de Wessex. É nesse momento que Alfred aparece na narrativa de Asser liderando exércitos de seu irmão, sob o título de “*secundarius*”, ou seja, o sucessor imediato do rei. Após a morte, que acontece em batalha, do irmão Æthelred, Alfred finalmente ascende ao governo de Wessex, que nesse momento já conta também com os reinos de Kent, Sussex e Essex sob o seu comando.

Este monarca é muitas vezes evocado como um símbolo da identidade inglesa, muitos usos da sua imagem são feitos no presente. Ele é tido como o primeiro rei inglês, segundo o site da monarquia inglesa. Foi eleito pela BBC em 2002 como o décimo quarto Britânico mais importante de todos os tempos. Além disso, é considerado o pai da marinha britânica, fato que se deve ao incentivo dado por ele às práticas navais em face dos ataques sofridos por embarcações escandinavas à costa de Wessex.

Alfred também empreendeu um importante sistema de fortificações, que ficou conhecido como *Burhs*, pequenas torres para guardar as principais cidades do reino de Wessex. Um documento contemporâneo ao período, “*The Burghal Hidage*”, descreve com detalhes esse sistema de fortificação.

Um fato que chama muito a atenção da historiografia que aborda a vida de Alfred são suas possíveis doenças. O que se sabe é que ele sofria de fortes dores intestinais e que tinha um cardápio adaptado às suas enfermidades. Asser explica que Alfred teria contraído essa doença por meio de uma intervenção divina. O monge explica que Alfred clamara a Deus por uma enfermidade que o ajudasse a se manter livre das tentações terrenas, mas que apesar disso não o impedisse de governar. Essas “virtudes” religiosas do rei são destacadas fortemente na narrativa do monge galês, que as utiliza para aproximar Alfred das esferas do sagrado, fazendo dele uma personagem diferenciada.

Os ataques escandinavos subjulgaram todos os reinos anglo-saxões, exceto Wessex. Dessa forma, houve uma forte alteração na organização política na região, que já contava com uma ascensão do reino de *Wessex* em relação aos outros, mas que, apesar disso, ainda tinha o reino da Mércia em posição de destaque em relação aos outros. Alfred passa momentos difíceis durante os ataques a *Wessex*, tendo inclusive que se refugiar juntamente com alguns nobres e uns poucos soldados nos pântanos de Somerset. Porém, apesar das tribulações, Alfred se mostra capaz de defender o seu povo, e reunindo sob si todos os anglo-

saxões livres de domínio escandinavo da Ilha. Dessa forma, Alfred passa a ser chamado de rei dos anglo-saxões, não mais apenas rei dos saxões, rei de Wessex ou rei dos saxões-do-oeste, sendo o primeiro a ostentar tal título. A *Anglo-Saxon Chronicle* apresenta alguns reis que se sobressairam em relação a outros reinos anglo-saxões chamando-os de *bretwalda*, que significa “Senhor da Britânia”. Assim, uma interpretação isolada deste fragmento do documento poderia sugerir uma unificação inglesa. Todavia, a historiografia recente, principalmente Thomas Charles Edwards, aceitando os argumentos de Patrick Wormald, outro importante historiador da temática anglo-saxônica, descarta a ideia de que os *bretwalda* sejam responsáveis pela construção de um ideal de nacionalidade inglesa¹⁰. Para Charles Edwards, “nenhum deles requereu reinar sobre os ingleses de tal maneira¹¹”. Dessa forma, Alfred, o Grande, ocupa o status de primeiro rei a reinar sobre todos os povos anglo-saxões da Britânia.

Não temos subsídios suficientes para inferir se a escrita da *Vita Alfredi* fora feita por Asser a pedido de Alfred, e nem se há uma participação de Alfred, direta ou indiretamente, nestes escritos. O que podemos perceber, todavia, é que a intenção de Asser ao empreender esta narrativa não é puramente local, pois em vários trechos do documento o monge faz questão de exemplificar nomes de localidades em idioma saxão e galês, dando a entender que o texto poderia ser lido não só por saxões, mas também por outros povos.

A *Vita Alfredi* é um documento escrito em latim, por volta do ano 893 da Era Comum. Infelizmente, o manuscrito original não mais existe. O que temos é uma transcrição elaborada a partir de um manuscrito da obra, produzido por volta do ano mil. Esta transcrição permaneceu por muito tempo guardada na coleção particular de Sir Robert Bruce Cotton (1571-1631), antiquário inglês. A coleção pessoal de Cotton continha muitos documentos relacionados à história e à literatura anglo-saxã da Antiguidade Tardia e do Período Medieval. Robert Cotton ordenava sua biblioteca dividindo o material nela contido em prateleiras e marcando cada série estabelecida com o busto de imperadores romanos ou figuras imperiais femininas e com letras e números, gerando títulos como “Tiberius B.III” ou “Cleopatra F.VI”. Em 1700, estes manuscritos foram doados pela família Cotton para formação de um arquivo

¹⁰ O texto em inglês diz: “I accept entirely the arguments put forward by Patrick Wormald against the theory that the so-called *bretwaldas* fostered a sense of English nationality”. CHARLES-EDWARDS, Thomas. “The Making of Nations in Britain and Ireland in the Early Middle Ages”. In: EVANS, Ralph (org). *Lordship and Learning: Studies in memory of Trevor Aston*. Noodbridge: The Boydell Press. 2004. p. 16.

¹¹ No inglês: “None of them claimed to rule the English as such”. Idem.

público. Em 1731, um incêndio acabou por atingir a coleção, danificando vários manuscritos e destruindo muitos deles, inclusive, a *Vita Ælfredi*. Depois de um intenso trabalho de reunião e restauração, em 1753, os manuscritos foram transferidos para o *British Museum*, em Londres, e se tornaram a base para a coleção de manuscritos da *British Library*. Em 1802 acontece o lançamento do primeiro catálogo dessa coleção e em 1986 uma edição microfilmada da coleção Cotton foi publicada em Londres. Ela é dividida em sete partes: 1) *Julius, Augustus e Tiberius*; 2) *Caligula e Claudius*; 3) *Nero, Galba e Otho*; 4) *Vitellius*; 5) *Vespasianus*; 6) *Titus*; 7) *Domitianus, Cleopatra, Faustina e Appendix*. A *Vita Ælfredi* integra a terceira parte desta coleção. Por este motivo, o documento é conhecido como *Cotton MS Otho A xii.12*

Trata-se de uma narrativa de cunho biográfico sobre a vida do rei Alfred o Grande. É apontada por autores como Richard Abels¹³, Simon Keynes e Michael Lapidge¹⁴ como um dos mais importantes documentos para se pesquisar a história deste período que, não por acaso, é chamado de “alfrediano”. A *Vita Alfreði* está dividida em duas partes, a primeira é uma narrativa cronológica, abarcando os principais acontecimentos do reinado de Alfred. Esta parte é muito semelhante à narrativa da *Anglo-Saxon Chronicle*, sendo que muitos trechos são retirados desta Crônica e reescritos com alguns acréscimos de Asser, ou seja resignificados. A segunda parte dedica-se a uma apreciação do reinado de Alfred, destacando a participação religiosa do rei e suas intervenções culturais. O documento possui uma conclusão abrupta, ou seja, especula-se que ele não tenha sido realmente concluído por Asser, ou caso tenha o documento que possuímos não se encontra completo. Ele não narra, inclusive, os anos finais da vida de Alfred, apesar de Asser ter vivido até aproximadamente 909, dez anos após a morte de seu rei.

É interessante o fato de que a obra de Asser não aparece com frequência nos debates sobre historiografia na Antiguidade Tardia e no Medievo, ou mesmo para servir de fonte para exemplos de utilizações de conceitos clássicos de História, pois ela poderia, no

¹²SANTOS, Dominique; SOUZA, Anderson de. Alfred Venerabilis Rex: A construção da imagem do rei-guerreiro na *Vita Ælfredi Regis Angul Saxonum*. Revista Roda da Fortuna. Volume 1, n2. 2012. SOUZA, Anderson de. Imago Ælfredi: as representações de Alfred, o Grande, na *Vita Ælfredi Regis Angul Saxonum*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Centro de Ciências Humanas e da Comunicação, Universidade Regional de Blumenau, Blumenau, 2013. Disponível em: <http://www.bc.furb.br/docs/MO/2013/356035_1_1.pdf>. Acesso em: 11 abr. 2014.

¹³ ABELS, Richard. *Alfred the Great: War, Kingship and Culture in Anglo-Saxon England*. New York: Longman. 2005.

¹⁴KEYNES, Simon; LAPIDGE, Michael. *Asser's Life of King Alfred and Other Contemporary Sources*. London. Penguin Classics. 2004.

mínimo, enriquecer a discussão e fornecer modelos de comparação com a história continental. Talvez isto ocorra pelo fato de Asser não desenvolver explicações teóricas sobre a escrita da história. No entanto, há outros elementos que nos fornecem subsídios para estas elucubrações. Podemos perceber que seu texto funciona como *“one suitable strategy for remembering a particular set of events or people”*¹⁵. Levando isso em consideração, é importante ressaltar que a obra de Asser não pode ser compreendida como um tratado sobre história; ela nunca teve esta pretensão. Todavia, sua forma de narrar os eventos estava em total acordo com as práticas deste período histórico específico. Segundo Dellyanis, esta é maneira de como a história deveria ser escrita no período medieval¹⁶.

A leitura do documento exemplificará que Asser soube muito bem fazer uso dos mecanismos historiográficos disponíveis. Por isso, alguns autores reconhecem a importância do monge galês para a escrita da história inglesa do período alfrediano. É o caso de Pauline Stafford. Segundo ela, *“[...]it is from the ranks of British churchmen of the tenth and eleventh centuries that we encounter some of the more intriguing figures of Britain’s medieval ecclesiastical history, among them, Bishops Asser [...]”*¹⁷. Ou seja, Asser produz um tipo de “historiografia” que pode ser classificada como “história eclesiástica”, gênero inaugurado por Eusébio de Cesaréia, quando este deu novo fundamento à história política de Tucídides, adaptando-a para um contexto cristão. Isto nos permite localizar o autor entre a tradição clássica, judaica e cristã, como já apontamos no início do artigo. Vamos, então, analisar alguns dos fragmentos da narrativa de Asser, de modo a perceber estas marcas historiográficas. É o empreendimento que nos ocupa a seguir.

3 - ANÁLISE DOCUMENTAL: TEMPO, NARRATIVA E HISTÓRIA NA VITA ALFREDI REGIS ANGUL SAXONUM

Quando observamos em detalhe a obra de Asser, percebemos que algumas características são marcantes e estão presentes ao longo de todo o documento. A narrativa de feitos bélicos, por exemplo, é algo que pode ser presenciado em praticamente todos os capítulos. De igual modo, os fenômenos que afirmam os valores da religião cristã e os vínculos com a tradição bíblica permeiam a narrativa de Asser. Assim, por meio da análise da

¹⁵ DELIYANNIS, Deborah Mauskopf. Op. Cit. p. 1.

¹⁶ Idem.

¹⁷ STAFFORD, Pauline. Op Cit. p 352-353.

obra, podemos perceber não só como era a forma do autor produzir história, se atendo a critérios narrativos de seu tempo, mas também observar e compreender quais eram alguns dos valores ideais propagados para a realeza anglo-saxã e também para seu povo. Em todo o documento, percebe-se a presença de uma narrativa calcada nos valores cristãos. Asser está constantemente afirmando as virtudes religiosas do rei Alfred. Podemos exemplificar uma dessas representações no trecho em que o monge narra a primeira viagem de Alfred à Roma:

No mesmo ano o rei Æthelwulf enviou seu filho Alfred para Roma, acompanhado por um grande número de nobres e plebeus. Neste tempo o senhor Papa Leão estava governando a Sé apostólica; ele ungiu a criança Alfred como rei, ordenando-o corretamente, o recebeu como filho adotivo e o confirmou. (*Vita Ælfredi*, Capítulo 8)¹⁸.

Esse fragmento costuma levantar importantes questões sobre a escrita da *Vita Alfredi*. Muitos dos fatos narrados por Asser no início do documento são retirados da *Anglo-Saxo Chronicle* e acrescidos de detalhes do conhecimento do monge, conforme já apontamos. Simon Keynes e Michael Lapidge argumentam que seria improvável que Alfred tivesse sido ungido como rei tão cedo (853), assim esse trecho da narrativa sugere que a unção de Alfred tenha sido um dos acréscimos feitos por Asser com Alfred já sendo rei. A menção da viagem do rei inglês a Roma demonstra a intenção de, mais uma vez, vincular o reinado de Alfred com a religião cristã. Esse modelo de escrita da história utilizado por Asser também pode ser percebido em outros autores, como é o caso de Gregório de Tours. Marcus Cruz, ao analisar a obra de Gregório, nos diz que, dentre as temáticas abordadas, pode-se notar a presença da “narrativa das façanhas e feitos bélicos dos francos e as peripécias e vicissitudes dos clérigos circunscritos aos reinos dos merovíngios”¹⁹. Outra questão que também pode ser usada como fator de aproximação entre as obras é o evento do batismo de Clóvis, narrado por Gregório de

¹⁸ Texto em Língua latina disponível em <http://www.thelatinlibrary.com/asserius.html> acessado em 31/07/14: Eodem anno Aethelwulfus rex praefatum filium suum Aelfredum, magno nobilium et etiam ignobilium numero constipatum, honorifice Romam transmisit. Quo tempore dominus Leo Papa apostolicae sedis praerat, qui praefatum infantem Aelfredum oppido ordinans unxit in regem, et in filium adoptionis sibimet accipiens confirmavit. Texto em língua inglesa na tradução de Keynes e Lapidge: In the same year King Æthelwulf sent his son Alfred to Rome in state, accompanied by a great number of both nobles and commoners. At this time the lord Pope Leo was ruling the apostolic see; he anointed the child Alfred as king, ordaining him properly, received him as an adoptive son and confirmed him. Asser's Life of King Alfred Verso 8 In KEYNES, Simon; LAPIDGE, Michael. *Asser's Life of King Alfred and Other Contemporary Sources*. London. Penguin Classics. 2004.

¹⁹ CRUZ, Marcos. Gregório de Tours e Jordanès: a construção da memória dos ‘bárbaros’ no VI século. *Acta Scientiarum*. V36, n1. Maringá. 2014. p 24.

Tours. Conforme aponta Marcus Cruz, este ritual “visa construir uma memória dos francos nos moldes e parâmetros da Paideia romano-helenística ligando a trajetória deste povo ‘bárbaro’ a Igreja cristã”²⁰. Na obra de Alfred há algo bastante semelhante. Trata-se da conversão e batismo de Guthrum, um dos principais chefes vikings durante a invasão da Britânia, como podemos ver no trecho a seguir:

[...]Depois de terem se entregado, os Vikings juraram também que eles iriam deixar o reino imediatamente, e Guthrum, seu rei, prometeu aceitar o Cristianismo e receber o batismo das mãos do rei Alfred. (*Vita Ælfredi*, Capítulo 56)²¹.

Como é possível perceber, trata-se não somente de uma intervenção política e militar clara, mas também de um rei bárbaro prometendo se converter ao Cristianismo. Como se não bastasse, Guthrum se compromete também a receber o batismo das mãos do próprio Alfred. Ou seja, Asser faz de seu rei não somente um guerreiro e interventor político, mas também alguém que está em posição, ainda que se trate de uma promessa, de realizar intervenções religiosas e administrar uma conversão, conferindo o batismo a Guthrum.

A obra de Asser também encontra semelhanças com Isidoro de Sevilha. Segundo Renan Frighetto, Isidoro “ocupava um importante papel na elaboração teórica que tentava construir a imagem do soberano”²², neste contexto, hispano-visigodo. Asser tem uma importância comparável a esta. Ele descreve os atos do rei Alfred o grande, demonstrando, com exemplos, o quão adequado este rei estava, e o quão sólido era o seu bom governo. A semelhança com estas obras não é uma mera coincidência, possivelmente Asser as conhecia, ou pelo menos estava inserido em uma tradição que tinha ciência e domínio deste formato de

²⁰ Idem.

²¹ Texto em Língua latina disponível em <http://www.thelatinlibrary.com/asserius.html> acessado em 31/07/14: Quibus acceptis, pagani insuper iuraverunt se citissime de suo regno exituros, necnon et Godrum, rex eorum, Christianitatem subire et baptismum sub manu Aelfredi regis accipere promisit. Texto em língua inglesa na tradução de Keynes e Lapidge: [...]When they had been handed over, the Vikings swore in addition that they would leave his kingdom immediatly, and Guthrum, their King, promised to accept Christianity and to receive baptism at King Alfred’s Hand. Asser’s Life of King Alfred Verso 56 In KEYNES, Simon; LAPIDGE, Michael. Op. Cit.

²² FRIGHETTO. Renan. Historiografia e poder, o valor da história, segundo o pensamento de Isidoro de Sevilla e de Valério de Bierzo (hispania séc VII). História da Historiografia. N5. Ouro Preto, Setembro, 2010. p 77.

narrativa. Estes aspectos colaboraram na sua construção da imagem que Asser elaborou do rei Alfred. Simon Keynes e Michael Lapidge explicam que esse conhecimento de Asser sobre questões da escrita de história de outras regiões do mundo se deve à diversidade linguística presente na corte Alfrediana. Os autores inferem, por exemplo, que grande parte do conhecimento de Asser sobre os Francos e sua escrita se deu por meio de sua relação com Grimbold, um religioso franco também chamado por Alfred para integrar sua corte. Segundo os autores, “*Asser may have been indebted to Grimbold for his knowledge of the Frankish Latin texts[...]*”²³.

A promessa de conversão de Guthrum e seu respectivo batismo representam somente uma interferência divina por meio de Asser. A leitura do documento nos permite perceber que trata-se algo recorrente, que podemos perceber em muitos outros, como é o caso do 74, que exemplifica bem essa questão:

Depois de algum tempo ele contraiu a doença das pilhas através da graça de Deus; lutando com isso longa e amargamente por vários anos, ele se desesperaria até mesmo da vida, até o momento quando, tendo terminado suas orações, Deus removeu isto dele completamente. (*Vita Ælfredi*, Capítulo 74)²⁴.

Este caráter sagrado era algo que abrangia não só o rei, mas aqueles que estavam a sua volta e compartilhavam da mesma fé. Segundo Frighetto, “Esse traço historiográfico, característico do pensamento neoplatônico e incorporado pelo cristianismo, vinculava-se à perspectiva da escolha divina sobre aquele grupo nobiliárquico que elegeria e escolheria o futuro rei cristão e sagrado”²⁵. Além de referenciar o nascimento de Cristo para localizar o leitor em sua narrativa através dos anos, Asser também acrescenta em suas frases a idade de

²³ KEYNES, Simon; LAPIDGE, Michael. Op. Cit. p 55.

²⁴ Texto em Língua latina disponível em <http://www.thelatinlibrary.com/asserius.html> acessado em 31/07/14: Cumque hoc saepius magna mentis devotione ageret, post aliquantulum intervallum praefatum fici dolorem Dei munere incurrit, in quo, diu et aegre per multos annos laborans, se, etiam de vita, desperabat, quousque, oratione facta, a se penitus eum amovit. Texto em língua inglesa na tradução de Keynes e Lapidge: After some time he contracted the disease of piles through God’s gift; struggling with this long and bitterly through many years, he would despair even of life, until that time when, having finished his prayers, God removed it from him completely. Asser’s Life of King Alfred Verso 74 In

KEYNES, Simon; LAPIDGE, Michael. Op. Cit.

²⁵ FRIGHETTO, Renan. Op Cit. p 80-81.

Alfred no ano narrado: “O terceiro da vida do rei Alfred” (*Vita Ælfredi*, Capítulo 3)²⁶. Dessa forma, o autor deixa claro qual é o intuito de sua escrita, narrar os acontecimentos da vida de Alfred, mas inserir o reinado do rei em uma perspectiva religiosa. Ou seja, a escrita da história de Asser está intimamente ligada à religião, no sentido de que o monarca retratado é um rei sagrado, que a partir da intervenção divina recebe o direito de governar.

A questão bélica também é algo importante na confecção da obra de Asser, trata-se de uma característica fundamental das historiografias do período. No caso da *Vita Alfred*, a temática aparece principalmente no início do documento, quando Asser faz um relato dos confrontos ocorridos entre os exércitos anglo-saxões e os invasores escandinavos. Alfred, além de possuir as virtudes religiosas necessárias para o reinado, ostenta uma enorme capacidade militar, sendo descrito por Asser como um rei vitorioso²⁷ e também impetuoso, chegando a ser comparado com um javali²⁸, algo muito comum da tradição poética galesa, como sinaliza William Forbes Skene, o que sugere o conhecimento de Asser sobre essa tradição, pois nesta, a expressão “*twrch*” (javali), costuma ser usada para indicar um guerreiro corajoso²⁹. Essa perspectiva militar dos escritos do monge também encontram ressonância em autores antigos. Paulo Orósio, por exemplo, autor hispano-romano do século V, diz que o objetivo da escrita da história era o de “[...]apresentar aos homens do presente os fatos e acontecimentos ocorridos no passado relacionados à guerra, à fome, aos cataclismos e às pragas, todos vinculados a vontade de Cristo e de Deus”³⁰. Ou seja, Asser apresenta aos seus leitores uma narrativa histórica que observa preceitos e incorpora objetivos anteriormente sedimentados por outros autores.

Desta forma, o estilo de escrita da história utilizado por Asser possui similaridades não apenas com um modelo, mas com vários, algo que não é incomum no período, pois “*many historians mixed format or subject matter or both in one text*”³¹. Assim, a opção mais utilizada para definir a obra de Asser é a de “*vita*”, justamente por conseguir reunir em si diferentes perspectivas. Pauline Stafford, inclusive, recomenda cautela quanto à utilização

²⁶ Texto em Língua latina disponível em <http://www.thelatinlibrary.com/asserius.html> acessado em 31/07/14: *nativitatis autem Aelfredi regis tertio*. Texto em língua inglesa na tradução de Keynes e Lapidge: *the third of King Alfred's life*.

²⁷ *Vita Ælfredi*, Capítulo 42 In KEYNES, Simon. LAPIDGE, Michael. Op. Cit.

²⁸ *Vita Ælfredi*, Capítulo 38 In KEYNES, Simon. LAPIDGE, Michael. Op. Cit.

²⁹ SKENE, William Forbes. apud KEYNES, Simon; LAPIDGE, Michael. Op Cit. p. 242

³⁰ PAULUS OROSIUS *Apud* FRIGHETTO. Renan. Historiografia e poder, o valor da história, segundo o pensamento de Isidoro de Sevilla e de Valério de Bierzo (hispania séc VII). História da Historiografia. N5. Ouro Preto, Setembro, 2010 Pg 73.

³¹ DELIYANNIS, Debora Muskopf. Op. Cit. p. 06

este tipo de documentação como fonte de pesquisa, pois “*precious as it is, the Life is nonetheless a source to be used with care, since it is written within the conventions of hagiography*”³². Certamente, os interessados na obra de Asser não podem esquecer das advertências de Stafford. No entanto, é justamente o fato da narrativa do monge galês perpassar a biografia, conter traços de hagiografia, *exempla*, panegírico, entre outras características, ou seja, características múltiplas, que a torna tão interessante, uma vez que todas estas variações eram incorporadas, resignificadas e selecionadas pela historiografia antiga e medieval no intuito de representar o passado.

Outro exemplo que podemos destacar é a forma como Asser se preocupa em destacar nomes importantes na genealogia do rei Alfred. No documento, personagens como Cerdic e Wotan, como podemos ler no primeiro Capítulo da *Vita Alfredi*, são evocados para sustentar uma genealogia sagrada. Essa prática remonta à antiga tradição germânica de escrita da história, conforme nos explica Deliyannis: “*The ancient germans retrieved from the origines in the name of continuity are a peculiar lot, occupied exclusively with cultic activities and the preservations of sacred lineges*”³³. A narrativa de Asser busca legitimar sua opinião não somente pela via da religião cristã, mas também perante o paganismo, como demonstra a presença de personagens do panteão germânico na genealogia de Alfred. Essa perspectiva vai ao encontro do que diz Justin Lake sobre os motivos que levam à escrita de uma determinada história, que poderia ser usada “[...] *to legitimate all kinds of claims – whether they had to do with politics, ecclesiastical primacy, church property, or the virtues of a particular Saint*”³⁴. Elton Oliveira Souza de Medeiros também trata dessa questão em seu artigo “Alfred o Grande e a linhagem sagrada de Wessex: a construção de um mito de origem na Inglaterra anglo-saxônica”, no qual explica ao leitor o papel da genealogias saxãs como instrumentos para a legitimação tanto de seus soberanos quanto do passado saxão³⁵.

O documento possui fragmentações e trechos distintos entre si. Em alguns momentos, a narrativa de Asser toma rumos diferenciados, conforme veremos mais adiante. Isto demonstra que o próprio formato do documento não permite classificá-lo em um único estilo historiográfico. No início da obra, a narrativa centra-se na passagem dos anos, descrevendo os

³² Idem. P 460.

³³ Idem. p. 46.

³⁴ LAKE, Justin, *Authorial Intention in Medieval Historiography*. John Wiley and sons ltd. 2014. p. 352.

³⁵ MEDEIROS, Elton O. S, Alfred o Grande e a linhagem sagrada de Wessex: a construção de um mito de origem na Inglaterra anglo-saxônica. In COSTA, Ricardo da (coord.). *Mirabilia 13* As relações entre História e Literatura no Mundo Antigo e Medieval. Jun-Dez 2011.

seus acontecimentos mais importantes. Esta idéia se repete em outros trechos. No 41, por exemplo, o monge galês utiliza um elemento narrativo desta natureza:

Depois da Páscoa [15 de Abril] do mesmo ano, o rei Æthelred seguiu o caminho de toda a carne, tendo vigorosa e honrosamente governado o reino em boa reputação, em meio a muitas dificuldades, por cinco anos; ele foi enterrado em Wimborne Minster e aguarda o retorno do Senhor, e a primeira ressurreição com os justos [c. Apocalipse xx, 6, e Lucas xiv, 14] (*Vita Ælfredi*, Capítulo 41)³⁶.

Analisando o trecho acima, podemos compreender que não há dúvida do esforço de Asser por dar sentido histórico aos textos escritos. Aqui ele não apenas aponta o ano do acontecimento narrado, mas situa também o leitor sobre o mês, e com isso imprime em sua narrativa mais uma reverência religiosa. Tem predominado entre os pesquisadores da área a idéia de que a narrativa “asseriana” foi constituída com o interesse principal de legitimar o reinado de Alfred o Grande. Isto ocorre também no Brasil. O já mencionado Medeiros, por exemplo, ao escrever sob a função legitimadora dos mitos de origem anglo-saxões, argumenta que “em todas essas linhagens há clara reconstrução de uma ascendência legitimada pelas figuras míticas, ou mito-históricas que as compõe.”³⁷ Monah do Nascimento consente com este argumento. Segundo a autora, a construção da imagem de Alfred está ligada à sua legitimação como rei dos anglo-saxões, algo sugerido pelo próprio título de seu trabalho monográfico: “*Warfare and Wisdom: as bases legitimadoras da monarquia anglo-saxã sob Alfredo o Grande (871 - 899)*”³⁸. Isabela Dias de Albuquerque vai ainda mais longe e propõe

³⁶ Texto em Língua latina disponível em <http://www.thelatinlibrary.com/asserius.html> acessado em 31/07/14: Et eodem anno post Pascha Aethered rex praefatus, regno quinque annis per multas tribulationes strenue atque honorabiliter cum bona fama gubernato, viam universitatis adiens, in Winburnan monasterio sepultus, adventum Domini et primam cum iustis resurrectionem expectat. Texto em língua inglesa na tradução de Keynes e Lapidge: After Easter [15 April] in the same year, King Æthelred went the way of all flesh, having vigorously and honourably ruled the kingdom in good repute, amid many difficulties, for five years; he was buried at Wimborne Minster and awaits the coming of the Lord, and the first resurrection with the just [c. Revelation xx, 6, and luke xiv, 14]. Asser’s Life of King Alfred Verso 41 In KEYNES, Simon; LAPIDGE, Michael. Op. Cit.

³⁷ MEDEIROS. Elton O. S., Op. Cit p. 161.

³⁸ PEREIRA, Monah Nascimento. Warfare and Wisdom: as bases legitimadoras. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010. Disponível em: <http://www.historia.ufpr.br/monografias/2010/2_sem_2010/monah_nascimento_pereira.pdf>. Acesso em: 28 jul. 2014.

que a narrativa de Asser tem papel ativo na construção não só da imagem de Alfred, mas até mesmo da identidade inglesa do período medieval³⁹.

Asser também situa o leitor cronologicamente em relação a outros fenômenos, como é o caso do capítulo 59, que diz: “No mesmo ano houve um eclipse do sol entre as nonas e as vésperas, porém mais próximo das nonas” (*Vita Ælfredi*, 59)⁴⁰. O leitor pode perceber que a partir destas referências cronológicas, Asser cria um padrão, uma espécie de marca que fornece uma estrutura para toda a obra. Essa ideia se repete durante o texto, a maioria dos capítulos cria uma relação cronológica entre os acontecimentos, o que Asser acreditava que forneceria a seus leitores uma narração precisa dos acontecimentos ao longo do tempo.

Em outro momento do documento, essa narrativa toma um sentido mais argumentativo e não tão preocupado em sinalizar os acontecimentos ano a ano. Destacamos o 73, como o momento em que essa mudança tem início:

Consequentemente, afim de que eu possa retornar ao ponto do qual eu digressei – e por isso eu não serei obrigado a navegar após o refúgio do meu descanso desejado, como resultado de minha viagem prolongada – Eu devo, como prometi, comprometido, com a orientação de Deus, a dizer algo (embora de forma sucinta e breve, tanto quanto meu conhecimento permite) sobre a vida, comportamento, equitativo caráter e, sem exagero, as realizações do meu senhor Alfred, rei dos Anglo-Saxões, depois do momento quando ele se casou com sua excelente esposa do estoque dos nobres das Mércia – brevemente, eu digo, para que eu não ofenda com a minha narrativa prolongada as mentes daqueles que são desdenhosos com informações de qualquer tipo. (*Vita Ælfredi*, Capítulo 73)⁴¹.

³⁹ ALBUQUERQUE, Isabela Dias de, Angelcynn e Gens Anglorum: uma abordagem comparativa da identidade inglesa em *The Life of King Alfred* (século IX) e em *The Deeds of Hereward* (século XII). UFF. Rio de Janeiro. 2012.

⁴⁰ Texto em Língua latina disponível em <http://www.thelatinlibrary.com/asserius.html> acessado em 31/07/14: Eodem anno eclipsis solis inter nonam et vesperam, sed propius ad nonam, facta est. Texto em língua inglesa na tradução de Keynes e Lapidge: In the same year there was an eclipse of the sun between nones and vespers, but nearer to nones. Asser's Life of King Alfred Verso 59 In KEYNES, Simon; LAPIDGE, Michael. Op. Cit.

⁴¹ Texto em Língua latina disponível em <http://www.thelatinlibrary.com/asserius.html> acessado em 31/07/14: Igitur, ut ad id, unde digressus sum, redeam, ne diuturna enavigatione portum optatae quietis omittere cogar, aliquantulum, quantum notitiae meae innotuerit, de vita et moribus et aequa conversatione, atque, ex parte non modica, res gestas domini mei Ælfredi, Angulsaxonum regis, postquam praefatam ac venerabilem de Merciorum nobilium genere coniugem duxerit, Deo annuente, succinctim ac breviter, ne qua prolixitate narrandi nova quaeque fastidientium animos offendam, ut promisi, expedire procurabo. Texto em língua inglesa na tradução de Keynes e Lapidge: Accordingly, in order that I may return to that point from which I digressed – and so that I shall not be compelled to sail past the haven of my desired rest as a result of my protracted voyage – I shall, as I promised, undertake, with God's guidance, to say something (albeit succinctly and briefly, as far as my

Aqui Asser faz uma digressão do texto para explicar ao leitor outras questões concernentes à vida de Alfred, que não apenas seus feitos, mas também as características do seu bom governo. Um dos elementos usados por Asser na sua narrativa e que aparece neste fragmento são suas metáforas náuticas. Conforme nos explicam os tradutores da obra, Simon Keynes e Michael Lapidge, tais metáforas são comuns na literatura clássica e na literatura medieval latina, e provavelmente foram introduzidas na Ilha da britânia por autores latino-insulares como Aldhelm e Alcuíno. Asser volta a utilizar esse tipo de metáfora no capítulo 91 da *vita*. Keynes e Lapidge também nos apontam que a segunda parte do capítulo, a que se refere à vida e ao comportamento de Alfred, é claramente baseada no prefácio de Einhardt para sua *Vita Caroli*. Os capítulos 16 e 81 da *Vita Alfredi* também utilizam esses elementos. A teoria dos tradutores da obra é de que Asser obteve o conhecimento da *Vita Caroli* por intermédio dos outros intelectuais da corte de Alfred, muito provavelmente o já mencionado Grimbold, que esteve na região continental.

Richard Abels, outro historiador que se dedica à temática dos estudos alfredianos, também percebe essa relação, mas argumenta, a partir dessa comparação, sobre a não historicidade do texto da *Vita Ælfredi*, que para ele: “*is not a biography in the modern sense. Asser did not strive for historical accuracy and objectivity. Rather, like Einhard’s Life of Charlemagne[...]**Vita Ælfredi was meant to be an encomium*”⁴². Abels ainda complementa sua proposição lembrando, da mesma forma que Keynes e Lapidge, que Asser teve como parâmetro os escritos de Einhardt, assim como o autor da vida de Carlos Magno fez em relação a Suetônio. Para o autor, até mesmo os aspectos pessoais de Asser fazem referência a modelos pré-existentes, como o fato de sua relutância em integrar a corte alfrediana, algo que teria como fonte de inspiração a entrada de Alcuíno na corte carolíngia, tal qual pode ser lido na Vida de Alcuíno. Assim, para Abels, nos escritos de Asser verificam-se a influência de duas formas de narrativa, uma histórica, e outra que os exegetas bíblicos chamariam de

knowledge permits) about the life, behavior, equitable character and, without exaggeration, the accomplishments of my lord Alfred, king of the Anglo-Saxons, after the time when he married his excellent wife from the stock of noble Mercians – briefly, I say, so that I do not offend with my protracted narrative the minds of those are scornful of information of any sort. Asser’s Life of King Alfred Verso 73 In KEYNES, Simon; LAPIDGE, Michael. Op. Cit.

⁴² ABELS, Richard. Op. Cit. p. 63.

tropológica⁴³. No entanto, estas são apenas o pano de fundo. Assim, a narrativa do monge galês só pode ser considerada parcialmente histórica. Alfred Smyth também partilha desta idéia. O autor acentua o caráter panegirista da *Vita Alfredi*, ou seja, o interesse de Asser era construir uma imagem laudatória do rei inglês. Os escritos do monge galês não devem, portanto, serem vistos como historiografia; pode ser, inclusive, que o autor da *vita* nunca tenha conhecido Alfred de fato⁴⁴.

Este questionamento do caráter historiográfico da obra de Asser é muito incisivo. Ele é semelhante ao que Maria Aparecida de Oliveira Silva identifica ao estudar os escritos de Plutarco. Segundo a autora, os leitores do escritor grego “se habituaram a ver sua obra de uma forma biográfica, a-histórica, de conteúdo filosófico e para fins pedagógicos”⁴⁵. Silva mostra que vários autores que abordaram a obra de Plutarco compreenderam que esta não deveria ser considerada uma narrativa historiográfica, pois apresenta: inconsistência histórica, fatos desconexos e narrados de uma forma pouco criteriosa, preocupação em demasia com a virtude das personagens etc. No entanto, a autora explica que a “inconsistência” não está no autor antigo, mas sim no fato de os modernos classificarem a obra de Plutarco de acordo com os conceitos historiográficos atuais e não baseando-se no entendimento que os autores antigos faziam das formas de narrar o passado⁴⁶. Esta é uma noção muito importante para pensarmos os escritos de Asser.

Abels e Smyth estão corretos em interpretar a obra de Asser como um *encomium*. Rosana Dias de Alencar, que estudou o conjunto de textos laudatórios denominados de “Panegíricos Latinos”, sistematizou algumas das principais características que costumam figurar neste tipo de documentação: ampliação das virtudes da personagem representada e minimização de suas faltas; legitimação do poder e da autoridade do governante retratado; construção da imagem de um herói, que caminha entre o sagrado e o profano e é dono de feitos e realizações extraordinárias; e exaltação dos valores morais e da boa conduta da personagem⁴⁷. De fato, apesar da distância temporal e geográfica dos textos estudados por Alencar, é possível perceber na obra do monge galês quase todos estes aspectos. No entanto,

⁴³ Idem. p. 65.

⁴⁴ Idem. p. 64.

⁴⁵ SILVA, Maria Aparecida de Oliveira. A Biografia Antiga: o caso de Plutarco. *Métis, História e Cultura* V2, N3. 2003. p 25.

⁴⁶ Idem. p 27

⁴⁷ ALENCAR, Rosana Dias de. As Imagens de Constantino I nos Documentos Textuais dos Séculos IV e VI: As Múltiplas Faces do Poder em Roma. 2012. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Goiás.

A utilização destes elementos narrativos comuns à exaltação e louvor da personagem não invalidam o caráter historiográfico da obra. Para ser sucedido em seus objetivos e conseguir apresentar uma imagem aceitável de Alfred, ou seja, crível para seu público, Asser não poderia dizer qualquer coisa, ao contrário, precisava trabalhar muito bem com as estruturas textuais que lhe eram disponíveis e saber apontar o contexto apropriado para cada uma de suas ideias, mostrando que conhecia a tradição que regia este tipo de texto, com intenções historiográficas. Assim, seguindo padrões da vida de Carlos Magno e outras obras da mesma natureza, a *Vita alfredi* atende aos desígnios de seu tempo no que diz respeito às formas de se trabalhar com o passado, inseria a si mesmo dentro desta tradição comum de conjugar tempo, narrativa e história a partir de uma conjunção de fatores bélicos, laudatórios, hagiográficos, cronistas etc, características de uma história eclesiástica.

4 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Asser dá sentido histórico a seu texto, e esta é a perspectiva central que esta reflexão tentou apontar. *A vita alfredi Regis angul saxonum* já fora anteriormente alvo de pesquisas na área de história medieval, porém, como mencionamos, não é frequente encontrarmos uma preocupação mais criteriosa com este caráter historiográfico da narrativa “asseriana”, ou que relacione Asser com outros historiadores medievais. É importante destacar que o monge se preocupa com questões históricas durante todo seu texto. Conforme evidenciado, por meio de fragmentos do documento, Asser utiliza elementos narrativos muito recorrentes na historiografia tardo-antiga e medieval. O que, para alguns historiadores, retira dos escritos do monge qualquer pretensão de historicidade, a saber, os usos que este faz de elementos presentes na escrita de outros autores, como Einhard, ou até mesmo o uso de características próprias dos panegíricos e das hagiografias, também pode ser compreendido como uma evidência de que Asser sabia fazer bom uso das ferramentas disponíveis para conduzir seus propósitos narrativos e atingir seus objetivos. Ou seja, ele soube mostrar a todos os seus interlocutores que dominava os padrões historiográficos do período, tanto que poderia utilizá-los para fornecer o contexto histórico mais propício para retratar de forma laudatória o seu rei. Sua preocupação em seguir um modelo, em se adequar às normas vigentes no que concerne à narrativa de eventos, demonstra que sua maneira de escrever é semelhante a de outros historiadores de seu tempo. *A Vita Ælfredi Regis Angul Saxonum* pode nos auxiliar a compreender diversos aspectos historiográficos período medieval inglês. Trata-se de um documento complexo, que merece estudos mais rigorosos. Não pode ser avaliado apenas a partir das concepções da historiografia moderna. Precisa ser compreendido dentro do contexto no qual foi produzido, quando a figura do historiador profissional ainda não existia.